

Alguns registros de datação para um Dicionário de Expressões

Jean Lauand¹

Resumo: O artigo apresenta – como parte de um futuro Dicionário – verbetes, notas e comentários a algumas gírias e expressões idiomáticas brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

Palavras Chave: gíria brasileira. expressões idiomáticas brasileiras. uso, datação e sentido.

Abstract: This article presents (as part of a coming book) some entries of a Dictionary (with notes and comments) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

Keywords: Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

Expressões brasileiras e seu surgimento na imprensa

Neste artigo (como em diversos anteriores), apresento uma amostra do que será um livro, um Dicionário, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real.

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora contemos também com revistas satíricas, jornais de esportes e, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

Bagulho

Bagulho, em sentido original, é a semente da uva, mas foi adquirindo, ao longo do século XX, diversos significados no uso informal, que dataremos a partir das aparições na famosa revista “O Cruzeiro” (na BN, desde 1928). O primeiro e mais frequente (“pessoa muito feia ou muito envelhecida, acabada” - Houaiss) surge aí em 04-12-1948:

[seu marido] está beirando os 60, sem cabelo e já barrigudo, diga-lhe que você não faz a menor questão de se separar d’ele, pois êle já está um verdadeiro “bagulho”.

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

No sentido de objeto ou coisa usada (emprega-se também para conjunto de coisas), sem valor, traste, aparece em 04-12-1954:

a tradição de meu nome não há de deslustrar-se no bagulho inflacionário das mentiras, das infâmias [...]”.

E também em 10-12-1955:

– Doutor Caetano, tá aí desde cedo um moço que disse que jogou fora os bagulho de engraxar e quer falar com o senhor [para pedir um emprego].

E em 07-10-1967:

Claudete Soares resolveu não cantar mais bagulho. Para tanto vai atacar de Chico Buarque”.

Em 14-07-1970 a revista registra um novo sentido para o vocábulo, registrado no “Pequeno Dicionário da Vida do Viciado”: “Bagulho – maconha. Torrar o bagulho – fumar maconha”. No mesmo ano (17-12-1970), o uso da palavra para indicar coisa ou mercadoria furtada ou contrabandeada:

“– Tá prêso – disse o guarda –. Contrabando de porcelana. (...) Desce daí e descarrega o bagulho”.

Mais recentemente “bagulho” tem sido usado também no sentido genérico de coisa ou situação: “Pega aquele bagulho para mim” ou “O bagulho lá é muito loko”.

Bagunça

Embora Houaiss date essa palavra de 1926, ela já aparece na década anterior: nomeia, por exemplo, blocos de carnaval, como o “Bagunça da Piedade” (“O Imparcial” RJ, 15-02-1917) ou o “Bagunça da Saudade” (“A Rua” RJ, 30-01-1920). Por outros jornais da década de 10, tem-se a impressão de “bagunça” ser originalmente um ritmo ou uma dança. Não tarda a aparecer “bagunceiro” (datação, inexata, em 1926, segundo Houaiss), como o folião “Lord Bagunceiro” do carnaval de 1920 (“Gazeta de Notícias” RJ, 03-02-1920) ou simplesmente significando baderneiro, como no caso de um famoso de um tal Alojamento 25:

Não há “farra” ou “bagunça” em que elle não esteja envolvido (...) Pedimos ao bagunceiro do 25 que nos contasse uma das suas. (“D. Quixote” RJ, 16-01-1924)

Barata tonta, baratinado.

A barata, ainda mais estando tonta, indica a pessoa desnorreada, sem foco, que se agita para cá e para lá, sem rumo. A expressão aparece na BN já há 170 anos:

Na nossa terra, em chegando um rapaz aos seu dezesseis, esta doudo por se amarrar: não há moça que não lhe agrade e nem dia que não esteja apaixonado por alguma beldade. Anda o pobresinho como uma barata tonta desesperado por ter – sua mulher.
 (“Periodico dos Pobres” RJ, 04-10-1850)

Não é de estranhar que “baratinado” apareça, cem anos depois, também no sentido de desorientação “sob efeito de entorpecente” (Houaiss):

É comum se ver hoje em Cpacabana, nos bares, nos restaurantes, ou passeando nas ruas, rapazes, senhores e mesmo mulheres “baratinados” (**Baratinado** quer dizer na gíria a pessoa embriagada por um entorpecente).
 (“O Cruzeiro” RJ, 22-02-1947)

A ligação da barata (em espanhol: *cucaracha*) com a maconha (*marihuana*) aparece já na mais famosa estrofe da famosa canção da Revolução Mexicana do começo do século XX:

La cucaracha, la cucaracha
Ya no puede caminar
Porque no tiene, porque le falta
Marihuana que fumar

(se correr o) Bicho pega (se ficar o bicho come)

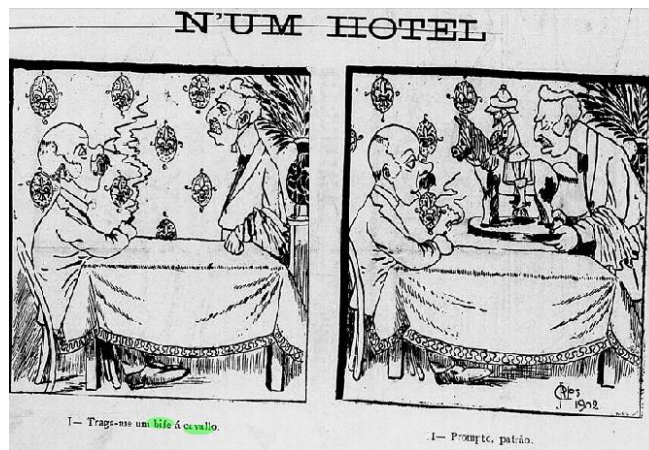
Provérbio para descrever situação sem escapatória, surge na BN em 1951, como título de artigo de Ernani Satyro (“Tribuna da Imprensa” RJ, 04-06-1951). No começo de suas aparições, admite formulações ligeiramente diferentes (como a inversão dos dois membros da sentença – “Pequeno Jornal” PE, 30-01-1954).

Uma sugestiva quadrinha rimada é trazida pelo “O Norte”, jornal da Paraíba em 15-08-1952:

Quem é besta, e não renega
A lenda do lobisome
– “Se correr, o bicho pega
Se ficar o bicho come”...

Bife a cavalo

Desde os tempos do Império, o bife “montado” por ovo(s) frito(s) é conhecido por “bife a cavallo” e é mencionado por primeira vez na BN em 10 de maio de 1884, na “Gazeta de Noticias” (RJ). Na primeira década do século XX, surgem piadas com o bife montado:



“Tagarela” (RJ, 07-11-1902)

Ou com a rapidez do cavalo (em 1901)...:

O Freguez: - Estou com muita pressa... o que deve ser?
 O Garçon: - Se está com muita pressa... um bife a cavallo.
 (“Pacotilha” MA, 07-05-1901)

...desbancada em 1908:



“Revista da Semana” (RJ, 20-12-1908)

Brazuca

Foi inventada pelos portugueses e era uma contraposição ao nosso “portuga”. É uma dessas palavras inicialmente pejorativas e que acabam por perder sua conotação negativa: haja vista a enorme quantidade de estabelecimentos comerciais e de serviços, tanto no Brasil como em Portugal que têm por nome “Brazuca” (para não falr de que foi o nome escolhido, por imensa maioria, como oficial para a bola da Copa do Mundo FIFA 2014).

A primeira aparição dessa palavra na BN é na revista “O Cruzeiro” de 27-08-1960:

“Brazuca” é o nome que os portugueses dão aos brasileiros em Lisboa. Corresponde, na nossa gíria, ao “Portuga”. Mas disso guardam certa reserva. Quando transpirou o tratamento, riram-se os brasileiros, que gostaram do apelido.

Cabra da peste

A primeira aparição dessa expressão na BN é de 1917, dando conta de que “Cabra da Peste” é o nome de uma composição, um tango, incluído no programa de uma apresentação da banda da polícia do Espírito Santo. (“Diário da Manhã” ES, 14-02-1917). Esse fato indica que a expressão já era popular e usada também no sentido de “indivíduo admirado por seu valor, coragem ou outra qualidade” (Houaiss). Além, é claro, do sentido de indivíduo mau, frio e cruel. Logo após a morte de Lampião e Maria Bonita, em uma matéria biográfica sobre a “Rainha do Cangaço”, afirma-se que Maria Bonita exercia sua ascendência sobre cada jagunço da quadrilha:

Aos mais barbaros, mais crueis [Maria Bonita] chamava de “cabra bom”, “cabra da peste”, dava-lhes pancadinhas carinhosas. Aos que se não saíam bem castigava ali nas bochechas – “bicho frouxo”, “gallinha”, covarde etc.
 (“Correio do Paraná”, 05-08-1938)

Há formas sinônimas (“cabra bom da peste”, “cabra da *mulesta*”), mas a mais antiga na BN é “cabra macho”, que surge já em 23-04-1877 em “A Provincia” (PE), quando um personagem, afirmando sua coragem diz: “Eu sou cabra macho”.

(estar por cima da) Carne seca

A expressão indica estar em situação próspera, pois a carne seca – antes da difusão das geladeiras (no Brasil, a primeira fábrica é de 1950) – era bem especialmente valioso. Talvez a expressão tenha se originado pelo fato de o comerciante (ou o proprietário de um lote) “estar acima” das mantas de carne seca dispostas em pilhas.



<https://www.conexaoacumaru.net/2018/04/historia-da-carne-secacharque-bora.html>

A expressão surge na BN em “O Fluminense” (RJ, 06-07-1901), mas é a debochada revista “O Rio-Nú” que a difunde, apresentando 7 das 10 primeiras ocorrências dela na imprensa.



Cavalo paraguaio

A metáfora do cavalo paraguaio originou-se no turfe e se tornou muito comum no futebol e na política: o cavalo sai na frente, mas termina entre os últimos. Vale-se do preconceito brasileiro quanto à qualidade dos produtos trazidos do Paraguai. Como por vezes ocorre, as primeiras aparições na BN explicam o sentido da gíria. Surgiu por primeira vez na BN no “Jornal do Dia” (MT, 16-01-1985), na boca de um tancredista que:

ironizava a candidatura de Paulo Maluf dizendo que o deputado é igual a cavalo paraguaio: “só tem saída”.

Essa expressão foi lembrada na Copa América de 1997. O México fez uma apresentação primorosa no primeiro tempo e meteu 2 a 0 no Brasil. Mas o Brasil virou para 3 a 2. Um jornal mexicano estampou uma manchete que iria atravessar os tempos: “*Jugamos como nunca, perdimos como siempre!*”.

Chove não molha

Mais uma das tantas formas de caracterizar enrolação, prolongamento de coisa que não se resolve, a expressão é bem antiga na BN. Já em 21-05-1885 “O Cearense”, referindo-se a uma indisfarçável fraude com o dinheiro público, exorta o infrator a assumir logo a culpa:

(...Sr. Felício) Confesse logo que a papelada foi por contrabando e deixe-se de chove, não molha.

Cobra criada, macaco velho, raposa velha, “muitos anos de janela”, velho de guerra

O primeiro a utilizar “cobra criada” na BN foi ninguém menos do que Martinho da Vila, assinando uma das colunas de futebol (a do Vasco, claro) no “Jornal

dos Sports” de 18-06-1972. Nessa data, entre outros, Martinho comenta dois assuntos esportivos que dominavam o dia: o histórico jogo (in)amistoso da Seleção Gaúcha contra a Seleção Brasileira (acabou empatado 3 a 3), que superlotara o Beira-Rio na véspera e conseguiu o fato (único e irrepetível!) de irmanar as torcidas do Inter e do Grêmio, que se uniram para hostilizar inflamadamente um inimigo comum: a seleção canarinho! Coisa de fazer inveja a argentinos ou urugaios... Isto porque, nas comemorações do sesquicentenário (data muito explorada pelo regime militar da época) o Brasil inventou uma polêmica “Taça da Independência” (com a participação de 20 seleções) e o técnico Zagallo não convocou nenhum gaúcho, especialmente o tricampeão Everaldo, o que foi considerado injusto e persecutório.

Martinho opina que os tricampeões “não deveriam ficar se expondo nesses joguinhos da Taça” e elogia quem não entrou nessa fria:

O Carlos Alberto é que é cobra criada e bem mais malandro: rapou fora

“Cobra criada” é o sujeito experiente, vivido, conhecedor das armadilhas da vida. Uma expressão sinônima é “macaco velho” (aquele que, na fábula, não mete a mão em cumbuca), que é já bicentenária na BN. No “Astrea” (RJ, 12-09-1826), um missivista já se refere a um desafeto como “Macaco velho corrido da Europa”. E no “Voz Fluminense” (24-01-1831), lemos:

Então o pae da menina, que era macaco velho, soltou huma grande rizada, deu hum abraço na filha, despersuadio-a daquela bruxaria e foi almoçar um frangão.

E a explícita menção do provérbio também é muito antiga:

Albuquerque é macaco velho que não mette a mão em cuumbuca. (“O Cearense”, 30-01-1855).

Há uma variante – no âmbito do tabuísmo e ainda conhecida em Portugal (p. ex. <https://www.audipt.com/threads/proximas-eleicoes-votacao-audipt.96723/page-219>, acesso em 03-07-2022) – que diz que “macaco velho tem calo no c#”). Essa fórmula aparece no “Jornal do Commercio” (RJ, 15-06-1849), quando em acirrada polêmica, um missivista dirige-se agressivamente ao adversário:

Digo-lhe, só por ultimo, Sr. Mesquitella, que veja como se senta, porque sua cauda e grande e o póde incommodar muito, não obstante que o macaco velho costuma ter callo... e que callo!!!

Em campo metafórico semelhante, está a também bicentenária “raposa velha”, arteira e matreira. Diz um missivista:

Exulto quando vejo em sua folha, as suas judiciosas reflexões contra o Paraopebano, que com artes de raposa velha e morcego novo, queria a titulo de apparentes idéas de interesse, e vantagem publica, chuchar a

nossa substancia, colorando a sua trama com a boa fé dos estrangeiros. (“O Universal” MG, 17-02-1826)

Sempre associando cautela e astúcia à experiência e à “velhice”, em 1970 surge na BN a expressão “muitos anos de janela” (naturalmente, da p# velha, que à janela do bordel se expõe), a propósito de uma peça de Plínio Marcos (“Diário da Noite” SP, 23-03-1970)

“Velho de guerra” também se emprega para alguém (ou algo) experimentado, de validade comprovada, por vezes até com uma nota de afeto, proveniente de longo trato. Surge na BN a partir de 1900 e logo se difunde em expressões como: “[na festa] a orchestra tocou o *Guarany* (...) e quando o *Guarany* velho de guerra acabou, romperam palmas e bravos” (“Cidade do Rio” 06-11-1900); “camarada velho de guerra”, “poetão velho de guerra”, “Eu que sou malandro velho de guerra” etc.

Conversa fiada, conversa mole (... para boi dormir), papo furado...

Situações muito frequentes e incômodas costumam gerar muitos sinônimos: diversas formas de a linguagem denunciá-las. É o caso da conversa vazia, de enrolação (v. também formas registradas no verbete “lero-lero”...), que em 1886 fez surgir na BN – e difundiu-se muito e rapidamente – a expressão “conversa fiada” (que pode conter também, por vezes, o sentido de enganosa, feita para ludibriar o interlocutor). Em 07-09-1886, O “Diario de Noticias” (RJ) usa a nova expressão ainda entre aspas:

Quem faz um favor deve fazel-o completo, porque isto de meios favores parece assim “conversa fiada”.

Um caso de “conversa fiada” unida à má fé oportunista é registrada no “Diario de Noticias” (RJ, 06-04-1889). Uma mãe fizera uma falsa denúncia de sequestro do filho e foi desmascarada pelo interrogatório do delegado Valladares:

[A tétrica historia era] Rebate falso ou antes *conversa fiada* que o Sr. Dr. Valladares tratou de liquidar.

“Conversa mole” é lançada na BN em 1928 pelo “Pequeno Jornal” (primeira aparição em 11 de fevereiro). Referindo-se ao nascimento de um grupo de foliões, “Pescadores do Alto”, diz o jornal:

Motivado por uma simples conversa molle, em plena praia, ficou organizada em Olinda mais uma associação carnavalesca. (“Pequeno Jornal” PE, 18-11-28)

Essa expressão parece ter surgido em Recife, pois – após as 3 menções do “Jornal Pequeno” em 1928 – só vai ganhar a imprensa nacional (e fortemente) a partir de 1931. Na BN, acabará por se juntar (“Diario Carioca”, 31-12-35) a uma outra expressão, surgida em meados da década de 30, para indicar monotonia e chatices: “para boi dormir” (precedida de história, conversa, cantoria etc.). E a fórmula “conversa mole para boi dormir” iria eternizar-se no Carnaval de 1938 na composição de João de Barro e Alberto Ribeiro: “Touradas em Madri”.

Da mesma família, “papo furado” (v. verbete bate papo) aparece na BN na revista “O Cruzeiro” (RJ, 24-08-1963): os moradores não sabem se é para valer ou não uma ameaça de despejo no morro da Mangueira:

[a Mangueira...] acostumada que sempre viveu com o papo furado dos doutôres.

E na página seguinte à matéria do suposto despejo, a revista publica uma página explicando ao leitor as gírias da Mangueira, na qual consta o verbete:

Papo furado – Conversa sem nexos, conversa fiada.

(fazer) Corpo mole

Faz corpo mole, a pessoa que por preguiça (ou por sabotagem) enrola, não se esforça, não se empenha em uma tarefa. A expressão é muito antiga e aparece na BN já em 1888:

Nós não contaremos o caso com todas as letras, mesmo porque a policia já sabe d’elle, sómente está fazendo o corpo molle.
 (“Gazeta de Noticias” RJ, 15-12-1888)

Cutucar a onça com vara curta

O significado da expressão é evidente: provocação temerária. Surge na BN em 23-07-1957 no “Luta Democrática”, como título (“Cutucando onça com vara curta”) de um comentário sobre a “Operação Tenório”, a expedição militar à mansão do deputado Tenório Cavalcanti.

A palavra “cutucar”, de origem tupi, incorporou-se muito cedo a nosso português e já aparece na BN em folhetim do “Correio Paulistano” de 19-08-1865. No tribunal relata-se que o réu:

...puchou uma faca de ponta e quis cutucar seu senhor.

Entrar pelo cano

Dar-se mal. A primeira aparição (com as aspas para expressão recém-nascida) na BN é no “Mundo Esportivo” (RJ, 31-01-1956), falando sobre os infortúnios dos paranaenses nas corridas de cavalo:

Temos visto muitos paranaenses “entrar pelo cano”.

Há indícios de que a expressão é a abreviação de uma formulação mais longa, como a que aparece no “Jornal dos Sports” (RJ, 07-01-1959):

Caso a moça diga sim, o Edgard vai entrar pelo “cano de descarga”.

Entre mortos e feridos se salvaram todos

Esta jocosa expressão, usada para indicar que o perigo previsto (ao contrário do que anteviam os pessimistas) não resultou em nada de grave é, surpreendentemente, centenária. Aparece na BN em 31-03-1921, no “Alto Madeira”, jornal de Porto Velho (AM) sobre a acalorada discussão a respeito da possível proibição de venda de carne verde:

O assumpto dominante das palestras de botequins, ante-hontem e hontem, foi o negocio das carnes verdes. Até a politica ficou esquecida...

Esperava-se o diabo, inclusive a formatura da guarda federal. [uma multidão acorreu ao açougue do Lima para ver o que is acontecer]

Resultado – o Lima vendeu carne hontem, entre mortos e feridos salvaram-se todos e as bravatas transformaram-se numa bolha de sabão...

Ir levando

O significado da expressão registrado por Houaiss (“Deixar correr a vida, sem projetos nem preocupações”) ou por Aurélio (“ir no vai da valsa”) coincide com o registrado na primeira ocorrência dessa expressão na BN, saudando, em 1952, a “mais nova gíria carioca”:

[o gato preto] Infiel e leviano, sensual e matreiro vai, como diria a mais nova gíria carioca, levando.

(“Manchete” RJ, 06-12-1952).

Mas pode acontecer também que a expressão indique a presença de adversidades..., mas “a gente vai levando” (como na canção de Chico e Caetano), aproximando-se, neste caso, de um dos sentidos do “llevar” espanhol: suportar. Como em um clássico anúncio de azeite de onagra: “*Hace más llevadero el ciclo menstrual al aliviar los síntomas premenstruales*”.

(dar uma de) João sem braço

Esquivar-se manhosamente de colaborar em uma tarefa ou trabalho (carregar um piano por exemplo). Não há necessidade de aventar (duvidosas) hipóteses históricas para a origem da expressão, como o fazem alguns etimologistas: parece ser mesmo fruto da lúdica imaginação carioca. Surge na BN em 1962 na “Última Hora” (RJ, 05-01-1962), citando uma malandragem para não pagar: “Dei o golpe do João sem braço: perdi a carteira”

Lero-lero; blá-blá-blá; lenga-lenga, nhe-nhe-nhem; patati, patatá (v. verbete corre-corre)

A linguagem cria diversas expressões para denunciar enrolação, conversa vazia e enfadonha.

Houaiss estabelece a década de 40 como datação de “lero-lero”. Na verdade, a locução surge na BN – e já com muita intensidade – em 1939, provavelmente impulsionada pelo lançamento da peça de teatro de revista “Lero! Lero!”, da rainha do gênero Alda Garrido (“O Dia” PR, 17-03-1939).

Também a sinônima blá-blá-blá surge na BN em 1939, em tradução de uma fala de Bernard Shaw:

É horrível ver criaturas numa tcla [de cinema] num “bla-bla-bla” que mesmo no teatro seria monotono. (“O Jornal” RJ, 11-6-1939)

Já lenga-lenga é bem mais antiga na BN, remonta a 23-02-1832, quando “A Malagueta” acusa o governo de ficar “repetindo a mesma lenga lenga”.

Nhe-nhe-nhem não precisou esperar 1958 (datação de Houaiss); já em 1926 comparecia na BN:

[...] um nhenhenhem insuportável é o estilo francês, essa mesmice construcional, essa monotonia na ordenação dos termos do discurso. (“Correio da Manhã” RJ, 19-12-1926)

“Patati, patatá”, tomada do francês (*et patati et patata*) aparece na BN já em 29-02-1860, como título de um capítulo de um folhetim do “Diário de Pernambuco”

Me engana que eu gosto

Uma das tantas expressões nascidas do gênio carioca, esta tem uma “certidão de nascimento”. O “Diário do Pará”(18-11-1986) registra:

[Informaram a este colunista que] a nova frase que está saindo a miúde da boca dos cariocas é nada mais, nada menos do que a seguinte:
– Me engana que eu gosto.

Olé!

“Olé!” vem do árabe e remete a Deus. E é que instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa o arranca do embotamento cotidiano: “Meu Deus! Quanta beleza...” exclama o poeta (Castro Alves, Sub Tegmine Fagi) e com ele – consciente ou inconscientemente – todos os artistas.

Daí que não chegue a surpreender que a etimologia da espanholíssima palavra ¡Olé!, seja, como dizíamos, um recurso a Deus. ¡Olé! – diz o Dicionario de la Real Academia – provém do árabe Wa- (a)llah (“Por Deus!” – a língua árabe não dispõe da vogal “e” e, por vezes, o “a” tem som semelhante a “e”). É uma exclamação de entusiasmo ante uma beleza (ou alegria) surpreendente ou “excessiva” (no verbete ¡Olé!, o Dicionario de María Moliner exemplifica com o caso das touradas ou o do flamenco).

Facilmente intuímos que a beleza de um ousado lance de tourada, de um goloço sem ângulo ou de um animado “taconeio flamenco” é – de algum modo misterioso, mas real – participação na criação, também ela artística, de Deus: ¡Olééé!

O árabe, como se sabe, é campeão mundial de invocação a Deus: *Bismillah!* (Em nome de Deus!), *Al-hamdu lillah!* (O louvor é para Deus! – como nossos jogadores, que, após o gol, apontam o indicador para o Céu), *Wa-llah!* (Por Deus!), *Allahu Akbar!* (Deus é grande! ou Deus é maior!), *Allah!* (Deus!) etc. etc.

Ante um perigo, ou após escapar dele, ante uma notícia boa ou má, em qualquer situação invoca-se a Deus. Por vezes, a mesma fórmula (como por exemplo *Bismillah*) serve para situações contrárias (notícia boa ou ruim, por exemplo, tal como posso dizer em português: “Meu Deus!” tanto se meu bilhete foi sorteado na loteria como se meu carro foi destruído por um maluco na contramão). E ante a beleza (sobretudo se é inesperada ou muito intensa) é a Deus que se celebra: *Allah!*, *Ya Allah!* *Smallah!* (Deus! Ó Deus! Em nome de Deus!) são exclamações quase obrigatórias, por exemplo, quando o camelo se levanta, oferecendo um espetáculo grandioso ao erguer sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca uma interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor... O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, ele estava aparentemente indolente, largado no solo.

A forma que se arraigou em Espanha foi: *Wa-llah!* O *wa* é a partícula do juramento (cfr. p. ex. Alcorão 6, 23) e de invocação da autoridade de Deus para atestar um fato aparentemente incrível: o de uma espantosa beleza!

Não é de estranhar que o grito “¡olé!”, aplicado ao espetáculo do futebol, tenha nascido a partir de um “belo inesperado”: em 1958 (a recém-nascida televisão estava apenas começando a integrar-se ao futebol naquela época), no México (não por acaso: no México), num jogo Botafogo x River Plate, base da seleção argentina. Ruy Castro conta que a cada incrível drible do incrível Garrincha (o das pernas tortas, que não era para ser futebolista) no lateral Vairo, os torcedores mexicanos gritavam ¡olé!, como se estivessem numa tourada.

Se o falante ocidental hoje (não só o torcedor nos estádios do Brasil, mas também o taurófilo madrileno em Las Ventas) não se lembra de que Olé! é invocação de Deus, no Quixote isto é mais explícito – o cristão começa a louvar a insuperável beleza de sua dama e ouve do mouro:

Gualá, cristiano, que debe de ser muy hermosa si se parece a mi hija, que es la más hermosa de todo este reino. Si no, mírala bien, y verás cómo te digo verdad. (capítulo XLI)

Pachorra

Para expressar minha perplexidade, escrevo este verbete em novembro de 2022, quando estamos vivenciando um surpreendente fenômeno de alteração semântica de um vocábulo: “pachorra”. Desde sempre, pachorra tem sido “falta de pressa; vagar, lentidão, fleuma” (Aurélio). Mas, nos últimos tempos – e com o declínio do uso da palavra em seu sentido tradicional –, surpreendentemente ela tem, em diversas instâncias, recebido na mídia outro significado, oposto, sem que haja nenhuma razão para essa alteração.

Assim, por exemplo, o jornalista Rubinho Vitti, após explicitar o sentido tradicional da palavra, afirma em seu artigo “Pachorra” no Jornal de Piracicaba (30-06-22):

Mas no dia a dia ela [a palavra pachorra] ganhou outro significado. “Pachorra” nada mais é que cara de pau, no pior dos sentidos. Ou seja, quem tem “pachorra”, tem a coragem esdrúxula de dizer algo, de expressar ideias tortas ou falar asneiras, por exemplo. Dito isso, preciso dizer que “pachorra” deve ter sido o termo que mais utilizei neste ano a cada vez que ouvia ou lia uma nova frase estúpida dita pelo presidente da República. “Como ele tem a pachorra de falar isso?”, indaguei-me infinitas vezes.
(<https://sampi.net.br/piracicaba/noticias/1786020/rubinho-vitti/2022/06/pachorra>)

O fenômeno verifica-se até em importantes órgãos de mídia:

Dias atrás, Bolsonaro teve a pachorra de admitir que distribui dinheiro a políticos para acalmar o Congresso. Nem se preocupa mais em esconder a negociata de cargos e salários, que trouxe de volta ao pináculo do poder o venal bloco do Centrão mensaleiro.
 (“Isto É”, 14-04-2022, Coluna - <https://istoe.com.br/a-descarada-eleicao-comprada/>)

A nova acepção de “pachorra” parece querer ocupar o lugar de “descaramento”, “desplante” ou “desfaçatez” etc. Com isso, torna-se problemática, por exemplo, uma das frases mais usada com o significado tradicional: “Eu tive a pachorra de...”

Claro que a alteração semântica de uma palavra é fenômeno frequente na língua (e mesmo a mutação para o sentido oposto ao do tradicional), mas neste caso não consigo atinar com alguma razão plausível para essa mudança. E não terei a pachorra de investigar...

Para inglês ver

Parece válida a explicação usual sobre a origem da expressão: a de que o governo regencial, sob forte pressão britânica contra o tráfico de escravos, promulgou em 1831 a lei Feijó, que declarava livres os africanos desembarcados em portos brasileiros desde aquele ano. E que se tratava de uma lei pró-forma, só para manter as aparências e que todos sabiam que não seria “para valer”. Enfim, uma lei só para inglês ver.

A partir de 1868, a expressão aparece frequentemente na BN, sendo a primeira ocorrência no “Diário de Belem” (23-11-1868), transcrevendo sessão da Assembléia Legislativa do Pará, na qual o deputado Brício ironiza a fala de um colega:

V. exc. tem razão, não é inconstitucional; porque não ha constituição, a constituição se fez para o inglez ver.

Perder o rebolado

A propósito da expressão “perder o rebolado”, é importante retomar o tema, já tratado em outro verbete (v. “Como quem não quer nada...”), da voz média: a “ação” do verbo que não é ativa e nem passiva. Há muitas situações na vida em que só obtemos algo, se renunciarmos à vontade dirigida de obter esse algo. É desse ponto de vista que se compreende a sentença evangélica sobre aqueles que querem salvar a vida

e, por isso, a perdem (Mt 16, 25); sabedoria que se estende a tantas outras realidades que só se obtêm quando não são expressamente buscadas e surgem somente como dom de uma atitude não interesseira; que só se oferecem como dom de um interesse voltado para outro alvo (por exemplo, tem-se tanto mais saúde mental, quanto menos se pensa nela... e, reciprocamente, nada melhor para destruir um relacionamento do que querer “salvá-lo” por força de ciúmes).

E aí se nota a incrível felicidade semântica da gíria: “perder o rebolado”. É incompleta a caracterização de “perder o rebolado” no dicionário Aurélio, que o reduz a um mero “perder a graça”, pois “Rebolar” é uma dessas ações que só pode ser realizada com um alto grau de automatismo inconsciente, para rebolar é preciso “deixar-se rebolar”, “ser rebolado” e não a ativa atitude de “calcular” o meneio.

Voz Média: precisamente a irrupção do componente ativo e a supressão do “passivo” (do deixar-se) é o que faz “perder o rebolado”. É conhecido nos esportes o fenômeno do jogador que erra porque sente a responsabilidade de não poder errar, e nos surpreendemos ao ver grandes craques perderem pênaltis em Copa do Mundo. Quanto menos preocupado em manter o saracoteio, melhor o rebolado: uma quebra dessa “inconsciência”, uma interrupção, uma “saia justa” (outra gíria fantástica) e dá-se a paralisia, a perda do rebolado.

Rebolar, em geral, é “fazer mover como uma bola, rolar” (Aurélio e também Houaiss) e admite também o sentido mais restrito de saracotear, o do “rebolado”.

Assim, antigamente, usava-se “rebolar” também no sentido de “rolar”, sem relação com o saracotear do corpo. Como por exemplo em:

A arma, caída ou arrancada das mãos do guarda, devia ter rebolado pela madeira e caído, de certo, no regato. (“O Pharol”, MG, 03-05-1903).

Mas “rebolado” também, já desde o século XIX, era palavra empregada para designar os saracoteios lascivos de algumas danças nossas como o fado, o landum e o bahiano. Investindo contra a célebre dançarina italiana Marietta Baderna, que causou entusiástico furor do público em torno de 1850 (a ponto de plausivelmente se atribuir às manifestações frenéticas desses fãs o surgimento das palavras “baderna” e “baderneiro”), o “Diário de Pernambuco” (28-01-1851) questiona o fato de que já que são permitidas (e festejadas) as escandalosas danças da Baderna...

... não se deverão proscrever por torpes e deshonestos os nossos landuns. O fado mais rebolado, o bahiano mais sacudido, poderão offender tanto o pudor [...] e accender tantos fogos libidinosos como a presença de duas mulheres [Baderna e sua parceira Moreau] offerecendo aos avidos olhos dos homens [...] toda a illusão optica de uma completa nueza?

Já em 1833, “O Carapuceiro” (RJ, 14-06-1833) polemizava com a censura por considerar imprópria essa palavra:

O termo *rebolar* não he obsceno nos Theatros, escolas de bons costumes, aonde se ajuntão Senhoras cazadas, honestas Viuvas, pudibundas Donzelas; não he torpe em tantas e tão serias companhias [...mas] o termo *rebolar* he uma obscenidade no meu *Carapuceiro*.

A expressão “perder o rebolado” (como tantas outras) aparece por primeira vez na BN em coluna de Stanislaw Ponte Preta. O cronista zomba de colegas que ousaram duvidar de um “furo” que ele publicara e, quando este se confirma, ele escreve:

Como se um “furo” do Stanislaw pudesse estar exposto a dúvidas [...] E para não perder o rebolado, Stan dá mais alguns “furinhos” no setor do “Ballet”... (“Manchete” RJ, 16-07-1955).

Perguntar não ofende

A expressão só aparece na BN em 1958, isolada, em uma fábula na revista “Careta” (31-05-1958): o leão, arrogante, sai perguntando quem é o rei da selva e cada animal, apavorado, vai respondendo: “És tu, poderoso leão”. Quando encontra o elefante, este agarra-o com a tromba e arremessa-o contra uma árvore, deixando-o quase morto. O leão levanta-se com dificuldade e comenta:

Lá por não saberes a resposta, não era caso para seres bruto! Perguntar não ofende.

A expressão só volta a aparecer na BN a partir de 1978, ganhando popularidade crescente pelo fato de ser o bordão de um personagem de Agildo Ribeiro no programa humorístico “O planeta dos homens”.

Picareta e picaretagem

Picaretagem, o embuste aproveitador do “picareta”, surge na BN já em 1921. A “Ilustração de S. Paulo” (janeiro de 1921). Referindo-se ao que considera má fé oportunista do “Jornal do Commercio” contra São Paulo, desfere a crítica:

O sr. Washington Luis montou guarda ao Thesouro, defendendo-o contra os repetidos assaltos da *picaretagem* carioca.

No mesmo ano, o semanário “A Rua” (RJ, 17-05-1921) investe contra a “alta picaretagem advocatícia”.

Rei (rainha) da cocada preta

A expressão – que ironiza quem se acha muito importante – aparece na BN só em 1969 (e vai se popularizar a partir dos anos 80), na boca de Mendes, fundador do conjunto de sambistas “Autênticos”, que não é para deixar o sucesso subir à cabeça e não querer se tornar o “rei da cocada preta” (“Tribuna da Imprensa” RJ, 25-07-1969). “Rainha da cocada preta” é posterior e bem menos usada.

Essa expressão, evidente por si mesma, recebeu uma disparatada “explicação” de sua origem, que – apesar de muito esquisita (para não dizer simplesmente falsa) – se disseminou pela internet como verdadeira, pois de autoria do famoso etimologista Prof. Dr. Deonísio da Silva. Em seu programa “Sem papas na língua”, na Band News

FM em 11/03/20, o professor responde à pergunta: “Quem é o rei da cocada preta?”, pontificando em tom de historiador:

É o Dom João VI. Ele chegou na Bahia – ou “chegou à Bahia”, se nós quisermos seguir o recomendado em Portugal, mas é evidente que nós falamos o português do Brasil; “chegou na Bahia”, a linguagem falada é esta: “chegou na” – e os fabricantes desse doce, querendo agradar o rei, faziam uma cocada especial, muito mais gostosa, que era a cocada preta. (...) Então o vendedor reservava aquela cocada para o rei e quando alguém se comprava como rei era como se fosse “o rei da cocada preta” e a expressão ganhou o português do Brasil [seguem-se expressões de admiração dos radialistas que o entrevistam pelos conhecimentos do professor]

(https://www.youtube.com/watch?v=iGf-d8ZJF7s&ab_channel=R%C3%A1dioBandNewsFM-RiodeJaneiro 16:42m e ss.)

Só que, como vimos, a expressão só “ganha o português do Brasil” cerca de 160 anos depois da chegada de Dom João na Bahia em 22 de janeiro de 1808. E ao chegar, ele não era rei, mas Príncipe Regente (só se tornaria rei após a morte de Dona Maria I, em 20 de março de 1816). Assim, na desconstruída explicação de Deonísio, deveríamos ter, em todo caso, a expressão “Príncipe Regente da cocada preta”. Apesar desses notórios erros, dezenas de sites da Internet continuam divulgando a absurda historietinha de Dom João.



(cf. p. ex. a revista “Super Interessante”: <https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/de-onde-surgiu-a-expressao-rei-da-cocada-preta/>)

Em tempo: a expressão “cocada preta” aparece na BN só em 1905 (“Diário de Pernambuco”, 20-06-1905); no século XIX encontramos “cocada morena” (“Revista Ilustrada” RJ, No. 188, 1879).

Tintim por tintim

Esta antiquíssima expressão, que indica minuciosidade e total detalhamento, surge na BN em Astrea (RJ, 20-08-1829):

A gente boa da Provincia faz justiça, a aquelles, e já todos sabem tim tim por tim tim, onde, quem, como se fez o pasquim, quem o pregou [...]

Na época, usava-se muito também a expressão similar “com todos os efes e erres”, que aparece na BN em 1850:

[O parlamentar decorou muito bem o discurso e] Recitou-o com todos os efes e érres, segundo todos os requisitos da arte declamatoria. (Jornal do Commercio, RJ, 17-07-1850).

Todo santo dia

Expressão antiquíssima na linguagem e na BN: aparece já em Astrea (RJ, 07-10-1828). Significa: todos os dias, sem exceção: *every single day*. E é que o dia santo não é só o domingo e cada um dos os dias de “festa de guarda”, nos quais o católico é obrigado a ir à missa. Na verdade, na tradição católica todos os dias são santos, todo santo dia é dia de festa, o que se reflete até no modo único que a língua portuguesa tem de designar os dias da semana: feira (*feria* = festa).

Nesse sentido, o papa João Paulo II (*Dies Domini*, Nota 22) destaca, entre outros fatos – encantadoramente cristãos – de nosso idioma, o de que os nomes dos dias da semana em nossa língua são: segunda-feira, terça-feira etc. Os nomes dos dias da semana em outras línguas remetem a divindades pagãs/planetárias: do dia de Thor (Donnerstag, Thursday, Thor’s day) aos vienes, lundi, saturday etc.

Feria em latim é a palavra para festa. Ora para a liturgia todo dia é dia de festa e é por isto que a liturgia chama o dia comum (/que não é “comum”: é sempre de festa) de *feria*... (note-se que em italiano o *giorno feriale* é o dia útil, de trabalho normal). Festa, porque o culto cristão – o sacrifício de Cristo, a Santa Missa – se realiza em meio à criação: toda a criação é – por Cristo, com Cristo e em Cristo – oferecida ao Pai. Assim, a liturgia fala em *feria*, em festa, porque em vez das superstições dos astros, celebra a Cristo. Comentando o Salmo 93 (En. in Ps. 93, 3), S. Agostinho exige a forma cristã de designar os dias como festas e diz:

O primeiro dia depois do sábado é o domingo, dia do Senhor; o segundo é a *secunda feria*, à que os profanos chamam *diem Lunae*; a *tertia feria*, *diem illi Martis*; a *quarta feria* é o que os pagãos chamam de dia de Mercúrio e o pior é que muitos cristãos também... Não admitamos isto! Oxalá se corrijam e abandonem este modo de falar e usem a linguagem que é nossa (...) pois Cristo aboliu as superstições.

Nessa mesma linha, S. Tomás diz (Super Ev. Io. Cp 20 lc 1) que o domingo é a “primeira feira”, *prima feria*, e isso por causa da Páscoa: assim como o Gênesis começa com o dia, assim também a Páscoa em que principia o mistério da nova criatura e se renova a face da terra é o Dia, a *Feria*. A Páscoa é o dia da Ressurreição no qual *inchoabitur dies aeternitatis*, “começa o dia da eternidade, no qual já não se alternam dia e noite, pois o Sol que faz esse dia, já não morre”.

Assim, nessa concepção tradicional, em nosso uso da linguagem é como se disséssemos: “a gente se encontra na sexta festa para um happy hour” ou “Eita segunda festa brava...”.

Vaca vai para o brejo

Surge na BN em 18-06-1963, em artigo do “Diário da Noite” (RJ). O colunista lamenta a decadência de um par de revistas de turfe, após a saída do editor Paulo José da Costa Junior:

Volte, Paulinho, correndo, senão a vaca vai para o brejo de uma vez...

Na forma em pretérito perfeito, a expressão é um pouco mais antiga na BN: aparece em uma crítica teatral do jornal “A Luta Democrática” de 23-01-1960. Referindo-se a um momento de interpretação infeliz, uma contradição na coerência da personalidade da personagem, escreve o cronista:

Aí a “vaca foi para o brejo”, apesar de, como já disse, ter a jovem iniciante revelado qualidades compatíveis aos mais experimentados profissionais.

(fazer) Vista grossa

Ignorar deliberadamente o erro alheio, que a vista grossa finge não perceber. A expressão é ao menos bicentenária e já aparece na BN em 1829:

Eu lá fiz a vista grossa para a tal Comissão Militar, e voluntariamente deixei-me illudir, e acreditei que a Constituição era observada, e que as autoridades respeitavam as Leys, e que não cometião senão faltas de que ninguem se pôde eximir.
 (“Astrea” RJ, 04-06-1829)

Recebido para publicação em 22-10-22; aceito em 29-11-22